

LINGÜÍSTICA / LITERATURA

A LINGÜÍSTICA ESTRUTURAL E O INCONSCIENTE FREUDIANO

STRUCTURAL LINGUISTICS AND THE FREUDIAN UNCONSCIOUS

Silvia Tedesco

Professora associada do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

E-mail: shtedesco@gmail.com

Resumo: o presente artigo apoia-se na concepção de linguagem, tal como aparece na lingüística estruturalista de F. Saussure, com fins a confronta-la com algumas colocações de Freud a cerca de proximidade entre os funcionamentos da linguagem e o do inconsciente. As principais idéias estruturalistas - de signo, de estrutura e, principalmente, sobre o processo estrutural de construção de sentido - são apresentadas e servem à constatação de que entre esses dois autores existem bem mais diferenças do que afinidades, desencorajando, assim, qualquer iniciativa de se encontrar argumentos nas pesquisas saussurianas para o desenvolvimento das teses psicanalíticas de Freud sobre o processo da linguagem.

Palavras-chave: Linguagem. Estruturalismo. Saussure; Inconsciente.

Abstract: This article is based upon the conception of language, as it appears in F. Saussure's structural linguistics, in order to be confronted with some of Freud's statements on the proximity between the language functions and the unconscious.

The principal structuralist ideas of sign, structure and, mainly, of structural process of constructing the meaning are presented moreover used to demonstrate that, between these two authors there are far more differences than similarities, therefore, discouraging any initiative to find arguments in Saussure's researches on the development of Freud's psychoanalytic theories of the language process.

Key words : Language. Structuralism. Saussure. Unconscious.

Em 1910, onze anos após a publicação do texto “sobre as afasias”, Freud, mais uma vez, retoma o tema da linguagem, estabelecendo uma aproximação significativa entre o modo de operar deste processo e aquele responsável pelo trabalho dos sonhos e pelos lapsos de linguagem (GARCIA-ROSA, 1991). No artigo “Sobre o sentido antitético das palavras primitivas” (1970/1975)¹, mais uma vez os princípios de funcionamento da linguagem são evocados por Freud para explicar a lógica singular do pensamento inconsciente.²

1 O sentido antitético das palavras e o trabalho do inconsciente

A partir da leitura de um trabalho de Karl Abel, publicado em 1884, Freud diz ter começado a entender o mecanismo do inconsciente que lhe parecia, até então, incompreensível. “O modo pelo qual os sonhos tratam a categorias de contrários e contradições é bastante singular. Eles simplesmente a ignoram”. O artigo do filólogo o teria auxiliado a explicar a “especial inclinação do trabalho do sonho de prescindir da denegação (Verneinung) e expressar as coisas com sentido oposto através de uma mesma representação.”^{3 4}

O processo de pensamento inconsciente, pelo qual as representações são articuladas é, então, aproximado por Freud ao da organização da linguagem, mais especificamente, à operação de construção das significações linguísticas. A forte interrelação entre linguagem e o inconsciente o leva a supor que as pesquisas nas duas áreas podem auxiliar-se mutuamente. É o que parece apostar quando termina este artigo dizendo “compreenderíamos melhor a linguagem do sonho e o traduziríamos com maior facilidade si soubéssemos mais a cerca do desenvolvimetro da linguagem.”⁵ Na mesma época em que Freud escreve estas palavras, um célebre teórico da linguagem desenvolve ideias que mudarão completamente o curso das pesquisas nesta área. Este estudioso é F. Saussure cujo curso, oferecido em Genebra no período de 1907 a 1911 e publicado pela primeira vez em 1916 por seus discípulos, propõe um novo modelo de compreensão para o fenômenos linguísticos, o modelo estruturalista, no qual a linguagem é estabelecida como forma de organização do pensamento em geral. Diz ele: “sem recurso aos signos, seríamos incapazes de distinguir duas ideias de modo claro e constante” (Saussure, 1972, p. 155; 1994, p. 130)⁶. Ou seja, a matéria extralingüística do pensamento, inicialmente, corresponderia a um contínuo indistinto cuja clareza advém da delimitação precisa, de recortes demarcadores de ideias. Tal operação que faz emergir ideias distintas, seria empreendida pela língua. Vemos então que para o modelo estruturalista, tal como para psicanálise freudiana, linguagem e pensamento estão indissociados e regidos por princípios comuns. O que justificaria a afirmação de alguns teóricos da psicanálise de que o inconsciente é organizado, ou melhor, estruturado como uma linguagem. De início, seguindo a proposta freudiana neste texto, seríamos levados a pensar numa sintonia entre dados encontrados na clínica psicanalítica e as pesquisas da linguística, em especial os estudos de Saussure, tão significativas para o setor de

estudos da linguagem em geral. Como vimos, é o que veio acontecer um pouco mais tarde, na década de cinquenta, quando J. Lacan, auxiliado pelos conhecimentos de sua época, aproxima as teses dos dois teóricos (LACAN, 1966,1975).

Porém, a leitura deste texto de Freud comparada com os achados de Saussure nos sugere outro encaminhamento. As pesquisas de K. Abel, bastante utilizadas por Freud neste texto, parecem não encontrar forte subsídio nos estudos saussurianos. Freud deixa claro que o seu interesse pelo trabalho de Abel reside na descoberta de que as línguas primitivas, “proporcionam aos pensamentos mais díspares um mesmo veículo sonoro e conseguem conectar em um tipo de união insolúvel o que se opõe com máxima intensidade” (FREUD, 1970, p.148 ;1975, p.142).⁷

Tal passagem apoia-se nas teses de Abel. Segundo o próprio texto de Freud, o lingüista afirmaria a hipótese de que as palavras teriam originalmente significados antitéticos. Por exemplo, um mesmo fonema “Ken”, em egípcio primitivo, significaria tanto forte quanto fraco e teria sua complementação de sentido realizada por sinais determinativos: um desenho na linguagem escrita ou um gesto na linguagem verbal (Freud, 1970/1975).

Seguindo a argumentação de Abel, Freud atribuiu à tendência à dupla significação antitética, registrada no trabalho do sonho, à característica antitética inerente às primeiras etapas evolutivas da linguagem. Ele acreditou que o processo de formação de conceitos ou ideias a serem evocadas pelas palavras, iniciava-se obrigatoriamente pela atividade de comparação de opostos. De modo que na raiz das palavras ter-se-ia uma relação de contradição. Sobre isso, o texto nos esclarece que:

Todo conceito é gêmeo de seu oposto. [...] Posto que não se poderia conceber o conceito de “forte” senão em oposição ao de “fraco”, a palavra que significaria “forte” conteria, simultaneamente, uma lembrança de “fraco” enquanto aquilo, através do qual, passou a existir (Freud, 1970, p.149; 1975, p. 143).

Só o desenvolvimento evolutivo das línguas teria viabilizado a separação dos aspectos antagônicos das palavras e permitido trabalhar os conceitos sem o confronto com seu oposto. No entanto, a evolução da linguagem não teria tido sucesso em eliminar completamente as marcas de indistinção deixadas pelos estágios mais primitivos do desenvolvimento da língua. Em função de dois conceitos, por exemplo, luz e escuridão, terem sua origem no confronto entre duas situações ou experiências antagônicas, seriam designados inicialmente por uma mesma palavra e, posteriormente, essas duas ideias, já distintas num estágio mais evoluído, comportariam ainda, cada uma delas, um traço da outra, facilitando em certas situações o emprego de uma das palavras no lugar de seu oposto (FREUD, 1910/1975).

Tanto Abel como Freud parecem colocar na base do processo de formação de conceitos pelo pensamento a relação de oposição entre o sentido das palavras. Uma vez que nos primórdios do desenvolvimento

da linguagem, o sentido emergia das relações entre contrários, estaria justificada, para Freud, a peculiaridade da lógica arcaica do pensamento inconsciente de, num processo de regressão, produzir no sonho a inversão de sentido, não apenas de palavras mas principalmente de imagens. Tais assertivas nos parecem inconciliáveis com a proposta estruturalista e, para referendar nosso ponto de vista, vale destacar alguns aspectos da concepção saussuriana sobre o processo de construção do sentido.

2 O caráter opositivo dos signos e o processo de produção de sentido em saussure

Antes de começarmos nossa análise queremos deixar claro que apenas trabalharemos com a teoria saussuriana. Esta restrição não significa desconhecer que esta tenha passado por reformulações, realizadas por outros representantes do estruturalismo cuja influência sobre a psicanálise foi também significativa, como R. Jakobson e Cl. Levi-strauss. Porém, é preciso reconhecer que a base do pensamento estruturalista encontra-se em Saussure e que as modificações implementadas por estes autores não incidem sobre os pontos que interessam à nossa argumentação. Neste sentido, nada mais justo e produtivo do que discuti-las na obra de seu fundador.

Segundo o linguista, sem recurso aos signos, seríamos incapazes de distinguir duas ideias de modo claro e constante (SAUSSURE, 1986)). Isto se deve à afirmação de que a dimensão do pensamento assim como a do som percebido consistem em matéria extralingüística informe pois se apresentam como dois contínuos dispersos e indistintos. Sua organização clara e a conseqüente distinção entre conceitos ou sons percebidos depende da ação da linguagem. Ou seja, a linguagem estabelece as distinções pelas quais cada conceito ou som percebido ganha destaque, permitindo a diferenciação uns dos outros. A operação de demarcação de frações precisas desses dois contínuos, empreendida pelo processo da linguagem, impõe recortes nestes dois domínios plenos de indeterminação que correspondem ao pensamento e à percepção sonora.

O signo lingüístico constitui-se nesse duplo recorte, nessa dupla pinça que ao mesmo tempo recorta e articula as duas frações, respectivamente, extraídas desses dois processos mentais. O pensamento, que não passa de uma massa amorfa, é recortado em conceitos. Já a extensão informe do som é delimitada em diferentes imagens acústicas, a saber, os fonemas. No momento inaugural da constituição do signo, uma fração de pensamento articula-se a fração de som, simultaneamente, e, assim, geram os componentes expressão e conteúdo, ou seja, as duas faces – significante (imagem sonora) e significado (conceito ou ideia) - da unidade formal lingüística, o signo. É desta maneira que a língua pode ser concebida como o processo intermediário e organizador do pensamento e dos sons percebidos, em condições tais que é a articulação desses dois processos mentais na unidade do signo que responde pela sua delimitação e organização

(SAUSSURE, 1972). A articulação produtora dos dois componentes no signo que acabamos de expor, serve para introduzi-los no conjunto geral da cadeia de signos, porém não lhes confere significação (JAKOBSON, 1975). Observa-se, no entanto, que nesta etapa do processo, segundo Saussure, ainda não se fala em sentido, os signos ainda não atingiram o final de seu processo de construção, ou seja, isso que poderíamos chamar de “proto signos” distinguem-se uns dos outros, não por seus sentidos, mas porque ostentam-se como diferenças puras. Este é o modo com Saussure entende o caráter opositivo dos signos como a distinção anterior a presença do sentido que se define pela ligação entre os dois componentes do par e responde pela garantia da evocação de um conceito ou ideia a partir de um determinado som percebido (MARTINET, 1985). Segundo a lingüística estamos face exclusivamente a presença de oposições. Delimitações foram estabelecidas e o campo formal aparece povoado por diferenças. Porém, a função organizadora vai ainda envolver um outro modo de determinação ou organização. A linguagem precisa ser complementada por uma outra modalidade de articulação - resultante das relações de vizinhança estabelecidas no sistema lingüístico - ou seja, efeito do caráter estrutural do sistema, composto de trilhamentos sintagmáticos (associação por contigüidade) e nos paradigmáticos (relações de substituição).

De acordo com a teoria saussuriana do valor, o processo de construção dos signos só atingirá sua realização plena através da aferição de sentido que se realiza na subordinação destes pares articulados aos princípios gerais do funcionamento da estrutura. Através das relações de vizinhança (relações de contigüidade ou de substituição), sentidos vão emergindo, revelando que os signos possuem valor relativo ao seu posicionamento na estrutura. Quanto mais próximos em suas vizinhanças mais similares seriam os sentidos atribuídos. De modo que o texto de Saussure, sobre as relações de vizinhança no sistema, afirma que sentidos opostos implicariam em localizações distanciadas na estrutura. Em suma, estamos falando de duas etapas complementares: a repartição da matéria amorfa em unidades sem sentido, puramente distintas, seguida pela etapa da organização estrutural que responde pelo sentido, essência de todo signo. A ênfase recai sobre o poder unificador da estrutura. Percebe-se, no entanto, que a relação com o referente no mundo externo é ignorado por Saussure. Como sublinha Benvenistes (1988), o mundo exterior nada interessa ao aporte da lingüística estruturalista de modo que a determinação do sentido dos signos fica restrito ao seu gerenciamento no interior da sintaxe, nas relações entre os componentes da estrutura. Ele provém do conjunto geral dos elos existentes no sistema. Temos que, se o sentido resulta do conjunto das relações invariantes da estrutura, na ausência de intervenções exteriores, então, cada sentido remete a todos os outros sentidos componentes da cadeia, desloca-se continuamente nesse interior fechado, caindo num movimento inesgotável sobre si mesmo. A linguagem é hegemônica no processo de produção do sentido.

3 O processo de construção do sentido nos dois autores

Comparemos a formulação de Saussure sobre processo de produção do sentido com a tese desenvolvida por Freud/Abel no artigo de 1910. O ponto comum pode ser reconhecido na afirmação de que em ambas concepções, a linguagem organiza a natureza nebulosa que caracteriza o pensamento e a percepção e que este processo produz, em determinada etapa, relações opositivas. Porém diferenças significativas entre as duas, a nosso ver, parecem frustrar a esperança de ligar ao a psicanálise freudiana ao estruturalismo. Assinalaremos três divergências entre os dois autores, relevantes à nossa hipótese: O lugar da indistinção no processo de produção do signos; o entendimento do termo oposição; o caráter evolutivo da linguagem.

Em primeiro lugar, como assinalamos acima, não existem argumentos, no sistema saussuriano, que apoiem a existência de qualquer instante de indistinção em nenhuma das duas fases do processo de construção do sentido. Segundo Saussure, o processo da construção do sentido inaugura-se exatamente no momento do duplo corte, no ato das demarcações operadas para instalação do signo na cadeia. Ou seja, o procedimento de delimitação de intervalos específicos no contínuo do pensamento e da percepção do som excluiria já, desde seu início, qualquer traço da matéria indeterminada presente no domínio da linguagem. Consequentemente inexistiria qualquer possibilidade de se imaginar, como Freud, um momento em que a linguagem pudesse expor indistinção ou suportasse a continuidade entre sentidos opostos. Se não se fala de continuidade, muito menos podemos falar de continuidade entre sentidos contrários. A continuidade mantém-se exterior a linguagem. A indeterminação permanece exclusivamente como sendo da ordem do pensamento e da ordem da percepção do som. A entrada dois componentes na ordem lingüística tem como condição necessária a operação de recorte da matéria indistinta que os compõem em unidades discretas, respectivamente, o significado e o significante. Sem o movimento de delimitação cumprido seria impossível a realização do procedimento referente à significação propriamente dita, inviabilizando a existência das ideias ou conceitos. Mesmo considerando-se que as duas etapas são simultâneas, é evidente que o recorte em elementos díspares é essencial. Na ausência das distinções iniciais, empreendidas pelos recortes, o contínuo se manteria, anulando a possibilidade da insurgência das relações estruturais que atuam exclusivamente pondo diferenças em relação no sistema. A ordem estrutural age sobre relações distintas. Não há lugar para indistinções ou para os recortes-fonemas com dupla significação, como propõe Abel, e que apoiariam Freud na justificativa para a continuidade primitiva, existente entre sentidos opostos, e que explicariam as composições híbridas do trabalho do sonho.

Como segunda característica da abordagem estruturalista, divergente da teoria de Abel e de Freud, apontamos a natureza das relações opositivas.

A princípio, o fato de o estruturalismo afirmar a existência de relações diferenciais, opositivas, na base da organização da estrutura linguística poderia induzir ao equívoco de se identificar aí a existência de relações entre contrários, suposta por Abel e Freud. Aqui percebemos a diferença irreduzível entre as duas teses no que diz respeito ao modo como empregam o termo oposição, base de todo processo de construção do sentido. Devemos frisar que as relações opositivas, descritas por Saussure não implicam, como se dá para Abel e Freud, em unificações entre sentidos opostos, propriamente. Bem longe disto, elas descrevem confronto entre diferenças puras que permitiriam apenas distinguir os signos sem ainda atribuir-lhes sentido preciso, uma vez que o sentido só surgirá no jogo de relações estruturais operadas pelo sistema linguístico. Ou seja, se o sentido ainda não foi estabelecido, não se pode sequer considerar o caráter opositivo destes. Estamos na presença exclusiva de diferenças puras e não de sentidos antônimos. O termo oposição em Saussure diz respeito a efeitos puramente distintos. Já em Freud/Abel, a relação opositiva põe em cena a contradição. De um lado diferenças puras, de outro antagonismo. Nos parece que Saussure diverge de Abel, consequentemente de Freud, por fundar o mecanismo de produção do sentido em relações diferenciais relativas e não em relações entre contrários. Retomemos o exemplo citado anteriormente, juntamente com o vimos no sub-item anterior deste artigo sobre as relações de vizinhança entre os signos na estrutura. Acreditamos que para o estruturalista, o recorte que, posteriormente, faz surgir o conceito de luz, não se confunde e nem mesmo mantém necessariamente uma relação de contiguidade com o recorte relativo à escuridão. Esses dois sentidos, na verdade, comporiam pólos extremos do eixo paradigmático da estrutura. Neste sentido, não há justificativa na concepção estruturalista de linguagem para que ideias opostas mantenham relação de continuidade, esclarecendo a composição de sentidos contrários produzida pelo inconsciente.

O terceiro ponto diz respeito ao caráter sincrônico ou ahistórico da estrutura. Argumento definitivo pois que descarta o processo evolutivo da linguagem pelo qual Freud parece apoiar sua analogia entre linguagem e pensamento inconsciente. O movimento regressivo no sonho implicaria num retorno aos primórdios da evolução da língua, onde os significados antitéticos das palavras apareceriam com maior intensidade. Para Saussure ao contrário, não fala de evolução, seja no indivíduo seja na comunidade falante. As leis que regem a estrutura são invariantes e decidem sobre o todo da cadeia. As novidades consideradas na linguagem apenas incluem aquisição de novos elementos-signos, a serem articulados no sistema pelos princípios universais de organização da estrutura. Queremos sublinhar que as diferenciações sofridas são regidas pelas mesmas leis da “langue”, antecipadas desde sempre no sistema. É esta a única compreensão possível para o aparecimento do novo, para as alterações diacrônicas da linguagem: variam os componentes, jamais a estrutura. Ora, o empenho do estruturalismo na desqualificação e eliminação do aspecto histórico da linguagem foi essencial

para Saussure, pois a preservaria dos efeitos das contingências empíricas. Uma vez transcente ao mundo e a historicidade, a linguagem seguiria sem as máculas da contingência, sem as irregularidades inerentes às variações. O objeto estrutural é ahistórico por excelência, uma vez que garante sua explicitação em leis invariantes universais, cumprindo o ideal das ciências humanas (DOSSE, 1993). Eliminada a historicidade da linguagem ficam abolidas quaisquer possibilidade da analogia entre o aspecto regressivo, arcaico do trabalho do inconsciente no sonho e o funcionamento da linguagem.

4 Considerações finais

Apoiados na leitura deste texto de 1910, afirmamos pouco satisfatório a utilização do estruturalismo como chave de leitura dos mecanismos inconscientes. Como tentamos fazer ver, as descobertas freudianas de 1910 apontam na direção de um processo do inconsciente fundado na continuidade indistinta entre sentidos contrários. As substituições e aglutinações de ideias ou imagens, ocorridas nos sonhos e nos lapsos de linguagem, descrevem operações de deslizamento sobre um material indeterminado, que escapa à ordenação lógica presente à vida consciente. Já a lingüística, preocupada em definir linguagem como pura forma, a estabelece de imediato como ordem demarcadora e, portanto, afirma como sua característica principal a competência em delimitar o material a ser trabalhado. Não há como pensar linguagem senão pelos recortes entendidos sobre o pensamento e sobre a percepção. Mesmo quando sentidos precisos ainda faltam, restam as relações diferenciais. Linguagem e indistinção são incompatíveis para o estruturalismo, enquanto, para Freud, o pensamento inconsciente trabalha num regime onde, muitas vezes, as demarcações parecem não existir.

Cabe esclarecer que não estamos rejeitando possíveis conexões entre o projeto freudiano e as pesquisas da área da linguagem em sua globalidade, discordamos especificamente da articulação feita com o estruturalismo já que esta nos parece produzir bem mais imprecisões, significando perdas para ambos os autores. As alianças entre autores é sempre bem-vinda. Nelas encontramos oportunidades não só para esclarecimentos de conceitos ainda muito potentes, mas ainda obscuros, como também para abertura de novas perspectivas ou novos encaminhamentos para as teorias, sempre em movimento de reconstrução.

Neste sentido, através deste breve confronto, esperamos ter conseguido chamar a atenção para o fato de que talvez as afirmações de Freud prescindam das pesquisas de Saussure e que ganharemos muito mais na compreensão de sua teoria caso esta seja mantida distante do aporte estruturalista.

Notas

¹ As referências e citações deste texto de Freud são extraídas da sua edição espanhola (cuja tradução do alemão é reputada como sendo bastante confiável). As traduções destas referências foram cotejadas com a tradução brasileira. As referências da versão em português virão sempre posteriormente a do espanhol traduzida cf. FREUD 1975 e 1970.

² Vale esclarecer que não está presente nos objetivos deste trabalho analisar a obra freudiana em seu todo. Nosso objetivo ficará restrito à avaliação do artigo de Freud, publicado em 1910, para assim fornecer material adicional à discussão sobre a leitura da psicanálise freudiana à luz do modelo estruturalista.

³ Freud, no final do mesmo texto, em nota de rodapé, estende este mecanismo também à formação dos lapsos de linguagem. Freud, s. 1975, p.147. Para a tradução no português cf. FREUD, 1970, p.141.

⁴ Na edição espanhola “Rara inclinación del trabajo del sueño de prescindir de la (Verneinung) denegación y expresar las cosas con sentido opuesto a través de lo mismo figurativo.” FREUD, 1970p.147; 1975, p. 141.

⁵ Na edição espanhola “comprenderíamos mejor el lenguaje del sueño, y lo traduciríamos con mayor facilidad, si supiéramos más acerca del desarrollo del lenguaje.” Ibde, 1970, p. 153 e 1975, p.146.

⁶ As citações retiradas de obras originais sobre o curso de Saussure tiveram sua tradução cotejada na sua publicação no português, sendo feitas as correções que considerarmos pertinentes. Nestes casos, a referência à publicação no português virá sempre após a referência do original.

² Na versão espanhola “proporcionaram a los más dispares pensamientos un mismo vehículo sonoro y solieran conectar en una suerte de unión indisoluble lo que recíprocamente se opone con la máxima intensidad” (FREUD, 1970,p 148. ;1975, p.142).

Referências

- BENVENISTE, E., *Problemas de linguística geral I*, Pontes, Campinas, 1988.
- DOSSE, F. *Histoire du structuralisme: le champ du signe*, La decourvert, Paris, 1993.
- DUCROT, O; TODOROV, T. *Dictionaire encyclopédique des sciences du langage*, Seuil,, Paris, 1972.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*, Cultrix, São Paulo, 1995.
- FREUD, S., A Significação Antitética das Palavras Primitivas. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1910/1970. p. 141-6.
- _____. “Sobre el sentido antitético de las palabras primitivas”. *Obras completas, v. XI e v. V*, Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1910/1975, p. 147-153.
- _____. *Interpretação das Afasias*, Lisboa, Ed 70, 1977.
- GARCIA-ROSA, L.A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1991.
- LACAN, J., *Le seminaire de Jacques Lacan Livre1: Les écrits techniques de Freud – 1953-1954*, Seuil, Paris, 1975.
- _____. *Écrits*, Seuil, Paris, 1966
- MARTINET, A. *Elementos de linguística geral*, Livraria Sá Costa, Lisboa, 1985.
- SAUSSURE, F., *Cours de linguistique générale*, Payot, Paris, 1986.
- _____. *Curso de linguística geral*. Cultrix, São Paulo, 1994.